

mesa  
posta

8

BAIRRO DA

CHE





# Viver a Cidade

Virgínia Fróis

## Fazer nossa a Cidade

Viver será deslizar no tempo, nas referências que as paisagens produzem em nós, ficções, imaginações.

No acto de percorrer os lugares estabelecem-se conexões entre o real e as nossas memórias. Sentir o irregular das pedras que os nossos pés tacteiam com cuidado. Sobrepostas as pedras e os passos, o tempo e as vidas já vividas. Parar muitas vezes e olhar, um espelho que nos devolve a densidade de existir, o aqui agora.

## Ver.

Como é que a cidade move o nosso pensamento e propõe um trânsito do visível para o invisível? O filósofo José Gil, falava a propósito do Livro do desassossego de Bernardo Soares (um outro) de uma névoa sobre as paisagens que nos permitem ver para além do real, como a nossa imagem num espelho nos permite aceder ao duplo que existe em nós.

Uma emoção breve, um pulo para o virtual. Por um momento breve o passado e o futuro agora. Emoções... um ver para além de. Por um momento uma visão interior. Pensamos com visões? \*

(\*) A partir da frase final O artista pensa com visões. José Gil Colóquio "O dia Triunfal de Fernando Pessoa" FCG, 03/2014





# CHE

## “ A Alentejana ” C.R.L.

*A CHE foi fundada em 30/11/1976 sempre a funcionar sem fins lucrativos. De início, com a sede social na Rua de Aviz, a sua finalidade era a habitação social dada a carência que existia na altura.*

*No início foi imprescindível a aquisição dos terrenos para se construir, situação resolvida pela desapropriação dos terrenos pagos e legislados pela Câmara Municipal de Montemor-o-Novo. Para este projeto ir avante temos tido sempre o apoio do Município de Montemor-o-Novo através dos seus projetos e legalizações, porque sem essa ajuda não seria possível.*

*A cooperativa é constituída pela nossa sede em Montemor-o-Novo e as respectivas habitações (336 moradias), assim como pelos núcleos de S. Geraldo (11 moradias), Foros de Vale Figueira (16 moradias) e S. Cristóvão (16 moradias).*

*A nossa cooperativa tem também como finalidade o recreio e o desporto, exemplo disso são as nossas equipas de ténis federadas em todas as camadas e a fundação do Grupo Coral Fora d’Oras em 2011 cuja sede é também neste espaço.*

**João Barreiros**  
Presidente da Direção da CHE “A Alentejana” C.R.L





# COOPERATIVAS DE HABITAÇÃO ECONÓMICA – CHE's

Uma bela conquista do 25 de abril de 1974

*por Guilherme Vilaverde*

*A par de muitos outros problemas que Portugal enfrentava aquando do processo político que implantou a Democracia e iniciou as profundas transformações e reformas que a revolução de abril tornou possível, a precária situação habitacional que então existia no País e a total ausência de respostas ajustadas às necessidades da população era um dos graves*

*flagelos que então afetava a população em geral e os de mais baixos recursos em particular.*

*A generalizada falta de casas, as habitações excessivamente precárias, muitas vezes sobre ocupadas e sem condições mínimas de salubridade e de uma qualidade de vida digna, a ausência quase total de infraestruturas básicas de água, eletricidade e saneamento, as*

ilhas, as barracas insalubres e a progressiva necessidade de recurso á aventura da construção clandestina, eram o pano de fundo de um imenso problema a que se tornava imperioso fazer face.

É assim que, logo em dezembro de 1974, foi adotada pelo Governo Provisório uma importante corrente legislativa virada para o fomento da constituição e desenvolvimento das chamadas cooperativas de habitação económica. Ao mesmo tempo, eram criados os primeiros, muito importantes e decisivos instrumentos de fomento, apoio técnico e financeiro, voltados para a conceção e execução de uma nova política de habitação através de projetos inovadores.

Rapidamente o País passou a assistir, um pouco por todo o lado, ao lançamento de iniciativas populares de constituição das primeiras CHE's, as quais vieram a constituir as melhores bases e condições de desenvolvimento de um verdadeiro movimento social popular que, progressivamente cresceu e passou a denominar-se por MCH – Movimento Cooperativo Habitacional.





O Bairro da CHE Alentejana é uma das belas experiências nascidas através da influência deste movimento, e assim pode realizar um notável papel social com as edificações que tornou possível, tendo integrado a FENACHE e participado ativamente no seu desenvolvimento.

Na verdade, no final da década de 70 já existiam legalizadas em Portugal cerca de duas centenas de cooperativas no ramo da habitação, 3 Uniões representativas do setor e prestadoras de serviços de interesse comum e, em 1980, é fundada a FENACHE – Federação Nacional do setor, estrutura que assume um importante e decisivo papel. E isto não apenas nos importantes domínios da representação e reivindicação mas também no processo de organização, formação de estruturas, dirigentes e quadros técnicos das cooperativas, e mais ainda na sua relação e credibilização junto do Estado e particularmente dos responsáveis pelo Poder Local.

É de resto decisivo no processo de desenvolvimento e consolidação do papel e ação das cooperativas de habitação, a sua proximidade e apoio que lhes foi prestado por

inúmeras Autarquias que tiveram uma visão estratégica que assentava na ideia de que a forma cooperativa se apresentava em melhores condições de promover o apoio às famílias carenciadas de habitação em condições de acessibilidade e de qualidade adequadas às suas necessidades.

Das primeiras habitações produzidas a partir de 1975 as cooperativas evoluíram, progressivamente, logo desde o início dos anos 80, na qualidade e dimensão social dos seus projetos de empreendimentos, agora orientados para núcleos habitacionais que incluíam diversos equipamentos e estruturas de apoio às famílias – de infância, cultura e lazer, recreio, desporto, ensino, terceira idade, comércio e serviços vários integrados nos bairros cooperativos – os quais passaram a constituir uma importante marca distintiva da enorme qualidade e papel social do setor.

Durante os anos 80 e 90 as Cooperativas da FENACHE, sob coordenação da própria Federação, chegaram a deter em produção cerca de 10.000 habitações por ano, estimando-se em cerca de 180.000 o número de casas de custos controlados construídas sob



responsabilidade e gestão do setor, alojando cerca de 6% da população.

O enorme surto de incontrolado alargamento urbanístico e de especulativo fomento imobiliário em geral que a partir de então passamos a viver no País, e a enorme especulação fundiária a que se assistiu com o envolvimento do sistema financeiro em todo este processo, veio então a determinar o progressivo surgimento de dificuldades das Cooperativas no acesso a solos para construção a preços controlados e acessíveis. Passamos, assim, a uma nova fase, também pela enorme diversidade de respostas concorrenciais públicas e privadas que então surgiam, do que resultou uma acentuada perda de capacidade de ação habitacional pela via cooperativa, que assim entra em evolutiva redução e alcança acentuado decréscimo.

Atualmente, são muito escassos os exemplos de Cooperativas de habitação com atividades de promoção em curso. Das mais de 300 Cooperativas que realizaram importante obra neste ramo apenas um escasso número de 50 estarão hoje em atividade efetiva, mas esta agora não de promoção de novas construções mas sim de alguma reabilitação, conservação,

manutenção, gestão de condomínios, espaços comuns e diversos equipamentos sociais.

Urge, assim, em face da mais-valia cooperativa e das novas realidades e necessidades específicas dos tempos que correm, encontrar novas condições de vitalidade, suporte e viabilidade para novas ambições da ação cooperativa, preocupação esta que a FENACHE continua a manter e a tentar desenvolver, para que não seja desperdiçado todo um potencial de ação a partir da experiência vivida e acumulada por tantos que para o movimento e populações beneficiadas alcançaram valiosos sucessos.

Guilherme Vilaverde  
Presidente da Direção da FENACHE  
2016, novembro





# Ribeira na Cidade

por: Rosa Coelho, Pedro Grenha e Jeronimo Silva

No perímetro urbano da cidade de Montemor-o-Novo corre entre dois bairros residenciais um afluente do rio Almansor. É um troço totalmente desprovido de vegetação ripícola, cujo espaço envolvente se encontra descaracterizado, porém marcado pela presença dos moradores através de trilhos que revelam a circulação do quotidiano e algumas pequenas hortas ou plantações.

*Sabendo que a presença de água em espaços verdes é um elemento importante na relação que os indivíduos estabelecem com os lugares, propusemos a recuperação da linha de água envolvendo a*

*comunidade local, não apenas com vista a sensibilizar para o uso responsável de um recurso vital que a todos pertence, mas também para refletir sobre a importância de práticas participativas e soluções que reconheçam o potencial ecológico na gestão do património natural inserido em espaço urbano.*

*As intervenções consistiram maioritariamente em plantações de árvores e arbustos e sustentação de margens com aplicação de técnicas biofísicas em pontos críticos. Outras intervenções foram propostas mas não concretizadas.*

*A participação e o envolvimento da comunidade neste processo foi realizado através de diferentes mecanismos e atividades, como happenings, sessões informativas, debates e sessões participativas.*

*Para uma melhor compreensão da relação dos residentes com a ribeira*

*e espaço envolvente, realizaram-se entrevistas, recolheram-se fotografias e vídeos. Foram realizados cerca de 90 inquéritos à comunidade dos bairros envolvente, Ché e Courela da Pedreira, como objetivo de aceder à relação da comunidade com o lugar, recolher informação sobre a memória e conhecimento que os residentes têm do lugar, bem como práticas comportamentais e preferências para o futuro do espaço envolvente da linha de água, nomeadamente no que se refere a possíveis funcionalidades.*

*Reviver a última ribeira na cidade, foi premiada no concurso Apelos 21 – Cidadãos, em 2013 sobre o tema “Uso Sustentável da Água”, uma iniciativa da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo.*

*Para mais informações consulte:*

*<http://www.ribeiranacidade.pt.vu/>*





## Casa de Acolhimento Residencial Especializado (CARE)

# Porta Mágica

*A Casa de Acolhimento Residencial Especializado (CARE) – Porta Mágica, pertence à Porta Mágica – Associação de Solidariedade Social. Esta associação visa proporcionar um acolhimento personalizado com uma estrutura de vida tão aproximada quanto possível à familiar, garantindo os cuidados e as respostas socioeducativas e terapêuticas adequados às necessidades de cada jovem, com vista à promoção do seu bem-estar e desenvolvimento integral.*

*A Casa de Acolhimento sita em Montemor é uma resposta social especializada, de carácter terapêutico, que tem como*

*finalidade o acolhimento de 20 jovens do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos, sujeitos por parte do tribunal à aplicação de medida de promoção e proteção de acolhimento residencial, em função da assunção de comportamentos ou do envolvimento em atividades que afetam gravemente a sua saúde, segurança, formação, educação ou desenvolvimento.*

*A intervenção na CARE Porta Mágica procura transformar todos os momentos formais e informais vividos na casa, em momentos eminentemente de carácter terapêutico, promotores de*

*oportunidades de aprendizagem e de mudança, garantidos por relações de proximidade e continuidade entre as jovens e os vários adultos que trabalham ou desenvolvem qualquer tipo de relação com a casa.*

*Procura também desenvolver um trabalho de competências com as famílias das jovens de modo a possibilitar a integração das mesmas, a quando do término das medidas, em contexto familiar ou numa opção residencial que promova a autonomia de vida das jovens.*

*Neste sentido, é objetivo primordial da CARE proporcionar uma estrutura de vida tão aproximada quanto possível à familiar, garantindo a todas as jovens oportunidades de desenvolvimento integral e inclusão social.*







+ Mesa Posta nº.8 +  
Novembro, 2016 + 1ª ed. + 200ex.  
edição e recolha de conteúdos:  
Oficinas do Convento + ed.gráfica:  
Miguel Rocha + texto: Rosa Coelho,  
Jerónimo Silva e Pedro Grenha, João  
Barreiros, Carla Brito, Guilherme  
Vilaverde + fotos: Mariana Stoffel,  
CMMN, CHE “A Alentejana” +  
colaboraram: Tiago Fróis, Nélia  
Martins, CHE “A Alentejana,” CARE  
Porta Mágica, FENACHE, CMMN

+ + + + +  
Município de Montemor-o-Novo  
e Oficinas do Convento  
Impressão e acabamento:  
Oficina de Impressão - OC + CMMN

+  
Oficinas do Convento-associação  
cultural de arte e comunicação Carreira  
de S. Francisco+Convento de S. Francisco  
7050-160 Montemor-o-Novo++++  
oc@oficinasdoconvento.com  
www.oficinasdoconvento.com  
viveracidade.oficinasdoconvento.com

# Mesa Posta

Nas zonas rurais de Montemor-o-Novo, quando chegava o Carnaval, as pessoas punham a mesa. Em cada casa enchia-se uma com comida e bebida, e durante dias, por vezes a semana inteira, a porta aberta recebia os visitantes. As pessoas andavam de aglomerado em aglomerado, de monte em monte, visitando amigos e familiares, encontrando outras pessoas, sempre em volta da mesa posta, de enchidos, doces, pratos tradicionais, vinhos e licores locais. Os acordeões e as gaitas acompanhavam as danças, as conversas, os reencontros e os caminhos. Era a altura de dar tempo para visitar e descontraír, com o inverno no fim a primavera abria porta. Com as transformações que o mundo rural sofreu, com a perda de população e alterações nas actividades agrícolas, este hábito foi caindo em desuso, e hoje em dia já não se faz. Sendo uma prática em relação à qual há bastantes memórias, e havendo um grande carinho daqueles que viveram as mesas postas, vamos procurar novos significados e contextos para o dar, oferecer a mesa e celebrar.



**viveracidade**  
ARQUITECTURA, DESIGN, INOVAÇÃO E SUSTENTABILIDADE

Iniciativa



estrutura financiada por



em co-produção com



enquadrado na

